

reportagem cultural

LILIANE CALLEGARI/DIVULGAÇÃO/JC



Além das notas

Cristiano Bastos *

A trajetória de Carlo Pianta é um pilar fundamental na disseminação do Guitar Craft no Rio Grande do Sul, atuando como um elo direto entre a prática pedagógica de Robert Fripp e a música instrumental brasileira. O Guitar Craft (GC) é uma escola que propõe uma “maneira de fazer as coisas”, uma técnica de guitarra com palheta e uma afinação específica, fundada em 1985 pelo lendário guitarrista do King Crimson, Robert Fripp. Mais do que focar em virtuosismo, o

método propõe o uso do violão e da música como ferramentas para a atenção, a disciplina e uma conexão mais profunda com a música.

Carlo Pianta está conectado ao Guitar Craft desde 2004, quando participou do primeiro seminário dirigido por Robert Fripp, em Mendoza, na Argentina. Em 2019, sua participação no projeto passou para um outro nível quando ele começou a trabalhar junto ao músico argentino radicado no Chile, Horacio Sairafi, que dirige o trabalho no Brasil e trabalha diretamente com Fripp.

Essa parceria resultou na organização de um curso ainda naquele ano, em Porto Alegre.

Desde essa época, têm sido realizados curso residenciais anuais e performances sob a direção de Sairafi e coordenação local de Pianta. Esse trabalho consolidou o Ensemble de Guitarras de Porto Alegre e do Brasil no mapa mundial do Guitar Craft. E 2025 a Workestra (grupo de performance do trabalho) realizou uma performance em Porto Alegre, no Espaço 373.

Horacio Sairafi, que passou a compartilhar com Pianta a mis-

são de levar essa experiência aos guitarristas locais, descreve a natureza dessa busca: “Carlo Pianta é um caso notável de um músico com uma sólida trajetória local que, embora pudesse descansar e desfrutar de suas conquistas, decide trilhar um caminho que talvez o leve a reformular sua relação com a música: participar dos seminários de guitarra Guitar Craft, ministrados pelo Robert Fripp. É nesse contexto que compartilhamos cursos presenciais e um objetivo comum: compartilhar essa experiência com guitarristas de Porto Alegre.”

Desde 2004, Pianta atua em conexão com a prática pedagógica do Guitar Craft

A estrada sonora

O álbum *A estrada perdida*, lançado de forma independente em 2004, marca a estreia de Carlo Pianta em carreira solo, carregando uma atmosfera cinematográfica notável. A obra de David Lynch foi uma influência central na composição e na sonoridade que o músico buscou evocar no disco, refletindo um período de intensa transição em sua trajetória.

A canção que abre a audição, e que dá nome ao disco, foi inspirada em uma cena específica do filme homônimo de Lynch – uma estética que permeia tanto *Estrada Perdida* quanto *Cidade dos Sonhos (Mulholland Drive)*: o momento noturno em que a câmera foca nas faixas amarelas da estrada, sendo engolidas pelos faróis do carro. É uma sequência marcada pelo silêncio absoluto, onde o veículo percorre a noite solitário até estacionar no acostamento, em meio ao nada.

A sensação transmitida pelo filme é a de uma noite imperturbável; contudo, ao descer do car-

ro, o personagem se depara com um acidente recente. O silêncio anterior é subitamente rompido pelo eco de um caos latente. A tensão é palpável: as pessoas feridas e sangrando, em um cenário que, paradoxalmente, mantém sua atmosfera de isolamento absoluto. Sobre essa composição, Carlo Pianta comenta: “Foi daí que tirei a letra da música: ‘o som dos ossos quebrando, o sangue quente por cima da pele, à beira da estrada estamos morrendo, ninguém vai nos ouvir’”.

O repertório deste primeiro álbum conta com colaborações importantes, como a do guitarrista Bruno Alcalde e da baterista Biba Meira nas faixas com banda de rock tocando, como *Sinto Muito Tua Falta* e *Sozinho*. O disco contém uma exploração sonora que abarca ainda a série de peças eletroacústicas *Porto Alegre 1*, *Porto Alegre 2*, *Porto Alegre 7* e *Porto Alegre 6*, temas que integram um painel urbano ainda por ser lançado.

Erga-te, Graforrêia!

A Graforrêia Xilarmônica nasceu em meados da década de 1980, fruto da parceria entre Carlo Pianta, Frank Jorge e os irmãos Marcelo e Alexandre Birck. Desde aquele início, a banda consolidou-se como um marco do rock riograndense – algo que se cristalizou a partir do conturbado, porém decisivo, período de sua retomada, na primeira metade dos anos 1990.

A banda fez poucos, porém ruidosos shows em Porto Alegre entre 1987 e 1990. A gravação da demo *Com Amor Muito Carinho*, lançada pela independente Vortex dos Replicantes, consolidou a banda na cena de Porto Alegre e foi o material mostrado por Carlos Eduardo Miranda para que a banda fosse contratada pela Banguela, projeto do Miranda e dos Titãs na Warner, em 1993.

Antes disso, a banda parou de atuar em 1990. Em 1992, conta Pianta, “nós tocávamos em um bar chamado Maloca, no Imbé, de um amigo nosso. Um lugar icônico, na rua, que ficava aberto até às 4h da manhã e que virou uma versão verão da Osvaldo Aranha. O bar era um sucesso absoluto: houve noites em que vendemos oitenta engradados de cerveja. Naquela época, o Alemão (Alexandre Birck) trabalhava como garçom no bar, e eu tocava com a banda Ceres. A Biba Meira tinha acabado de voltar de São Paulo e me procurou para montarmos um projeto; foi assim que a Ceres virou uma banda de



Ao lado de Alexandre Birck (centro) e Frank Jorge, no mais recente retorno da Graforrêia Xilarmônica (2025)

covers naquele lugar. Foi uma fase de muitas mudanças, inclusive quando comecei a namorar a Biba”, recorda.

A história da volta da Graforrêia Xilarmônica também nasceu ali. “O Frank Jorge, que na época estava passando um fim de semana em Imbé com os sogros, apareceu na passagem de som”, recorda Pianta. “O Alemão também estava lá, trabalhando. Começamos a tomar cachaça do outro lado da ponte e, no meio da bebedeira, resolvemos que a banda deveria voltar. Fizemos um ensaio ali mesmo, na beira da ponte: bêbados, dançando e cantando as músicas. Atravessamos a ponte, subimos no palco e fizemos o show de retorno da Graforrêia. O Frank estava tão

bêbado que cantava a dois metros de distância do microfone, mas aquela foi a nossa volta.”

Naquela época, Miranda, guru e desbravador do rock gaúcho, estava em São Paulo com a fita *Com amor muito carinho* debaixo do braço. “Voltamos como trio, o Alemão, o Frank e eu. O Miranda ficou sabendo dessa nossa volta, e nos ligou dizendo que tinha colocado nossa fita para rodar para todo mundo em São Paulo e que tinha conseguido um contrato com o selo Banguela para participarmos de uma coletânea. Eu e o Alemão estávamos juntos na minha casa e pedimos uma pizza pra comemorar. Por engano veio de aliche, que detestamos. Foi assim que a banda voltou oficialmente.”

RAUL KREBS/DIVULGAÇÃO/JC



Carlo Pianta (segundo à esq) na época da reunião do DeFalla, em 2016